

Valores de *mas* em textos de opinião

Ana Maria Martins Amaro

Centro de Linguística da Universidade do Porto

Abstract

Considering the high presence of the connective *mas* in opinion articles, we attempt a description of its semantic and pragmatic values in this textual genre and try to establish whether this textual property may be considered a specific persuasive genre pattern. After a quantitative – computationally aided – analysis, semantic and pragmatic categorization was done, allowing some main conclusions: in persuasive genre, this connective acquires several meanings beyond its core meaning of contrast, namely concessive, polyphonic, interactional and textual values. Besides, *mas* proved to be the most frequent contrastive connective, compared to *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto* or *só que*.

Keywords: connective, semantic and pragmatic value, opinion article, textual genre.

Palavras-chave: conector, valor semântico-pragmático, artigo de opinião, género.

1. Introdução

Este trabalho descreve alguns valores semântico-pragmáticos assumidos pelo conector *mas* num conjunto de textos de opinião da imprensa escrita portuguesa.

Esta descrição tem como objectivos centrais comprovar, de forma essencialmente empírica, a produtividade de *mas* em textos jornalísticos de opinião e, partindo do pressuposto de que este género apresenta uma argumentação própria – resgatável ao nível textual a partir dos recursos verbais seleccionados –, verificar a possibilidade de esta produtividade configurar um parâmetro de género, ou seja, uma das “propriedades que condicionam a construção textual em todas as suas dimensões.” (Miranda, 2004:18).

Consideramos estes textos como produções discursivas perspectivadas enquanto concretização empírica e linguística do género persuasivo. Adoptando um percurso de análise descendente (Pinto, 2006), entendemos que os géneros correspondem a um ponto de articulação entre as coerções situacionais estabelecidas por um contrato global de comunicação e a própria organização textual materializada por marcas formais.

A complexidade do objecto linguístico texto obriga a que, na sua análise, se adoptem instrumentos capazes de dar conta dessa multiplicidade. Consequentemente, a análise das unidades linguísticas que, a partir das possibilidades do género em que se inscreve, cada texto convoca para a sua concretização, implica também um olhar que tente captar a complexidade do seu funcionamento discursivo. Recorremos a contributos teóricos oriundos fundamentalmente de abordagens linguístico-textuais, nomeadamente a Argumentação na Língua, o Interaccionismo Sócio-Discursivo, a Linguística Textual e a Análise do Discurso.

Desenvolvemos este estudo numa perspectiva sincrónica, delimitando um corpus de 60 textos de opinião de autoria diversa, publicados entre 23 de Outubro e 27 de Novembro de 2008 em órgãos de referência da imprensa escrita – os diários *Público* e *Diário de Notícias* os semanários *Expresso* e *Visão* – sobre um assunto transversal a todos os textos seleccionados e actual à época: a eleição do 44º presidente dos Estados Unidos da América, Barack Hussein Obama.

No sentido de dar cumprimento aos objectivos propostos, iniciamos este trabalho com uma breve explicitação dos conceitos operatórios fundamentais para a proposta de análise realizada, passando por uma breve descrição do *corpus* em estudo e finalizando com uma discussão sumária dos resultados obtidos.

2. Pressupostos teóricos

Articulando o estudo sobre o texto – susceptível de ser perspectivado no âmbito da Teoria do Texto ou da Linguística dos Géneros – com uma abordagem estritamente linguística, apelamos a pressupostos teóricos que garantem maior produtividade na análise dos textos empíricos.

Assim, tomamos a unidade linguística *texto* enquanto unidade comunicativa de elevada complexidade, de produção situada, filiada num *género*, actualizando a dimensão accional da linguagem. Perspectivamos os textos de opinião enquanto materializações do género persuasivo, protagonizando dinâmicas de reprodução e adaptação relativamente ao género¹ que actualizam, entendido este simultaneamente como prática de comunicação sócio-historicamente definida e como um dispositivo mediador entre a situação de

¹ Segundo Miranda (2008:83-84), “O agente produtor do texto encontra-se numa situação de acção de linguagem [...], dispõe de um conhecimento pessoal e parcial do conjunto de géneros em uso na sua comunidade [...] e dos modelos de género disponíveis. Sobre esta base, o agente desenvolve um processo duplo. Por um lado, ele “adopta” o modelo de género que considera mais adequado em função das propriedades globais da situação de acção. Por outro lado, ele “adapta” o modelo escolhido, em função das propriedades particulares dessa mesma situação. O resultado desse duplo processo é um novo texto empírico que integra, simultaneamente, os traços do género escolhido (ou adoptado) e os traços do processo de adaptação às particularidades da situação [...]. É por isso que todo o texto empírico constitui um exemplar de género.”

comunicação específica e o texto efectivamente produzido, “um plano (dinâmico) de estruturação dos textos” (Miranda, 2004:17). Por seu turno, entendemos os géneros persuasivos como práticas sócio-discursivas inseridas nas diversas actividades de linguagem que têm como finalidade persuadir e levar à adopção de uma posição (estimular um consenso ou levar a uma mudança de opinião), inserindo-se num *continuum* entre dois pólos: o teor demonstrativo e o teor persuasivo (Pinto, 2006).

Neste contexto, cada texto empírico por nós analisado configura uma operação linguística em que um locutor tenta levar os interlocutores a aderirem a uma conclusão, apresentando razões para essa adesão. Estamos no campo da argumentação, portanto, entendida, nas palavras de Plantin (2002: 72), como uma actividade “[...] toujours située et vécue par des sujets porteurs d’intérêts, de passion et de valeurs”.

Na senda de Adam (1992), perfilhada por Bronckart (1997), tomamos como unidade de análise a sequência argumentativa e adoptamos como referência o modelo de arquitectura textual proposto pelo segundo, procurando focar, no âmbito dos mecanismos de textualização, o processo de conexão e descrever especificamente o funcionamento do conector *mas* e o contributo deste para a composicionalidade textual, a estruturação argumentativa e conseqüentemente, nas palavras de Fonseca (2001:15), a “construção do sentido e da força persuasiva do discurso”.

Entendendo a mobilização de determinados recursos linguísticos na realização da arquitectura textual como dependente do vínculo do texto às condições sócio-históricas da sua produção, do seu próprio conteúdo temático, e da sua filiação a um género textual, secundamos a posição de Coutinho (2004: 283), segundo a qual os organizadores textuais – expressão hiperonímica relativamente a diferentes categorias de organizadores, incluindo os conectores –, constituindo unidades que implicam a relação entre a língua e o discurso, se revelam particularmente sensíveis à organização de género textual a que “sempre fica sujeita a mobilização da língua em discurso.”

Assim, perspectivamos os textos de opinião – enquanto produções linguísticas que visam persuadir os seus destinatários da justeza das tomadas de posição enunciadas, necessariamente em detrimento de outras – como um contexto genérico propício à ocorrência de estruturas contrastivas, marcas linguísticas de dissenso e instauradoras de polifonia – uma das estratégias da linguagem mais usadas no confronto discursivo, nomeadamente o conector *mas*, entendido enquanto organizador textual, ou seja, analisando o seu funcionamento do ponto de vista discursivo.

3. Seleção e delimitação do *corpus*

De um universo de textos de opinião bastante mais amplo, foi extraído um *corpus* de 60 textos, publicados numa sincronia delimitada entre 23 de Outubro e 27 de Novembro de 2008, nos diários *Público* e *Diário de Notícias*, e nos semanários *Visão* e *Expresso*.

A seleção deste conjunto mais reduzido de textos baseou-se no facto de os

considerarmos uma amostra significativa do fenómeno linguístico que desejamos explorar, na circunstância de a sua publicação ocorrer em órgãos da imprensa escrita considerados de referência, como os acima indicados, e ainda no facto de apresentarem um tema comum – a eleição do 44º presidente norte-americano –, circunstância que permitiria verificar a presença da dimensão dialogal e polémica da interacção argumentativa, ainda que de forma mediada, em suporte escrito, expectável em simultaneidades discursivas em decurso na imprensa escrita de teor opinativo.

4. Análise do *corpus*

A adopção de um método de análise de carácter quantitativo permitiu verificar e quantificar – empírica e objectivamente – ocorrências num contexto discursivo concreto, deste modo conferindo aos resultados uma maior representatividade enquanto evidência do uso comunicativo efectivo da categoria linguística em análise. Por seu turno, a análise qualitativa dos dados empíricos recolhidos, discursivamente situados, atestando o real funcionamento argumentativo da categoria linguística em estudo, permitiu captar a sua plurifuncionalidade discursiva, ou seja, desvendar o seu comportamento enquanto organizador textual e os valores por ele assumidos.

O *corpus* seleccionado foi objecto de análise quantitativa e qualitativa, seguindo procedimentos que passamos a descrever.

4.1. Análise quantitativa do *corpus*

Procedeu-se ao tratamento quantitativo da massa textual na plataforma Corpógrafo,² disponibilizada pela Linguateca, criando o *corpus* e procedendo à extracção das ocorrências consideradas significativas.

A análise quantitativa permitiu verificar as taxas de frequência de *mas* e de outros conectores argumentativos como *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto* e *só que*, como se pode observar no Quadro 1.

Conectores	Mas	Porém	Todavia	Contudo	No entanto	Só que ³
Ocorrências	230	6	1	5	10	2

Quadro 1: Taxas de frequência dos conectores argumentativos

² O acesso ao Corpógrafo pode ser feito a partir do endereço <http://www.linguateca.pt/corpografo/>.

³ O valor semântico de contraste está associado a dois processos sintácticos distintos – a coordenação adversativa e a subordinação concessiva – classicamente considerados como semanticamente

Comprovou-se um inequívoco predomínio do conector *mas*, por oposição aos outros conectores acima referidos, constatação que vai ao encontro de conclusões obtidas por outros autores no que respeita ao elevado recurso a estruturas com este conector por parte dos falantes.⁴

4.2. Análise qualitativa do *corpus*

À análise quantitativa seguiu-se a análise qualitativa das ocorrências do primeiro conector, tendo-se procedido ao levantamento dos diferentes valores semântico-discursivos de *mas* presentes nas 230 ocorrências com base em categorias adaptadas a partir de Ducrot (1980), Adam (1992, 2008) e Coutinho (2004), com o objectivo de dar conta da multifuncionalidade desta unidade linguística no seu funcionamento discursivo em contexto argumentativo.

4.2.1. *Mas* enquanto introdutor de contra-argumento

As ocorrências de *mas* enquanto introdutor de contra-argumento são largamente maioritárias. Este valor contra-argumentativo parece constituir, de facto, o valor prototípico de *mas* neste contexto genérico específico.

i) Encadeamento concessivo: *mas* introdutor de contra-argumento após movimento concessivo.

(1) É verdade que as bolsas continuam instáveis, num sobe e desce alternado que indicia que a retoma de confiança dos investidores ainda não está ganha. **Mas** a continuada queda das taxas de juro do mercado interbancário e os sinais que chegam de que o fluxo financeiro entre bancos retomou o seu curso apontam na direcção certa.

(2) Ainda pode perder? Pode. **Mas**, se assim for, teremos de aceitar humildemente

alternativos, embora ocorrendo de facto em contextos em que não encontram equivalente entre si (Matos & Prada, 2004). Tal como se explica no ponto 2, o objectivo da presente investigação consiste em descrever o funcionamento do conector *mas* enquanto organizador textual. Tradicionalmente, esta unidade linguística insere-se na classe dos conectores adversativos, juntamente com *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto*. Atendendo à própria história deste morfema no campo dos estudos linguísticos, nomeadamente a partir dos trabalhos de Ducrot, e ainda à percepção intuitiva da sua elevada produtividade, privilegiámos a análise de *mas*, embora sem esquecer outras formas com o mesmo valor semântico de base, que podem ocorrer nos mesmos contextos. A inserção de *só que* surge na sequência do reconhecimento, por parte vários autores, do processo de gramaticalização desta locução, no âmbito do qual tende a assumir valor contrastivo (Alcântara, 2007).

⁴ Cf. Costa (2009).

que tudo aquilo que julgamos saber sobre o comportamento dos eleitores e aquilo que o determina terá de ser revisto.

(3) Claro que em democracia não há vencedores antecipados. E as sondagens ainda se apresentam, em aspectos críticos para a vitória, dentro de uma margem de erro que não permite dar nada por adquirido. **Mas** os sinais apontam para ser mais forte a probabilidade de uma vitória de Obama.

(4) Um movimento quer dizer: milhões de pessoas que antes não se interessavam por política, uma geração nova que aprendeu como a política se faz, e um discurso que faz sentido para as pessoas e é persuasivo para a maioria delas. Isso não percebeu quem vaticina que Obama vai desiludir. Sim, um homem pode sempre desiludir-nos, e daí? **Mas** a mistura de pessoas novas e ideias novas demora a criar e não se desaprende de um dia para outro. Essa vai levar-nos longe.

(5) Uma narrativa que terminou é a da geração dos *baby-boomers*, a geração que se tornou adulta nos anos 60 e, desde então, tem estado no centro daquilo que os americanos designam de “guerras culturais”. Houve mesmo quem escrevesse que Sarah Palin foi a última *cultural warrior* a integrar uma candidatura presidencial, e estes temas desempenharam um papel secundário na campanha. **Mas** não desapareceram: o triunfo da proposta referendária que volta a banir o casamento homossexual na Califórnia mostra como há importantes fracturas que persistem e persistirão.

A concessão é um recurso linguístico-discursivo que o Locutor acciona de acordo com o seu “projecto de fala” (Charaudeau, 1992: 645). Através deste movimento argumentativo, num primeiro momento, e num movimento claramente polifónico, o Locutor sufraga uma tomada de posição, manifestando a sua adesão à posição de um E1. Posteriormente, após a segmentação discursiva/textual assinalada pela pontuação, introduz a informação mais relevante, com maior peso argumentativo, mostrando que o reconhecimento da pertinência de *P* é apenas temporário. Segundo Adam (1990: 218-219), o conector *mas* assinala a inversão da orientação argumentativa, introduzindo então o argumento mais forte que orienta o discurso para a conclusão desejada: *P* conduz a *C*; *mas* introduz *Q*, que conduz a *não - C*.

Como pode verificar-se nos exemplos acima, o modo como o movimento inicial de adesão é actualizado linguisticamente pode variar bastante, modalizado desde a adesão forte, marcada pela utilização de locuções assertivas como *É verdade que* – exemplo (1) –, *Claro que* – exemplo (3) –, frases de tipo declarativo como *Pode* – exemplo (2) –, advérbios assertivos como *Sim* – exemplo (4) –, até um grau mínimo, como no exemplo (5) – *Houve mesmo quem escrevesse [...]* – em que o distanciamento entre o discurso que relata e discurso relatado é particularmente evidente.

Este procedimento argumentativo relaciona-se de forma pertinente com as condições sociais de produção do discurso, sendo previsível em textos de opinião. De acordo com Ducrot (1984: 230-231),

Grâce à sa concession, on peut se construire le personnage d'un homme à l'esprit ouvert, capable de prendre en considération le point de vue des autres: tout le monde sait que la concession est, parmi les stratégies de la persuasion, une des plus efficaces, essentielle en tout cas au comportement dit «liberal».

No universo discursivo correspondente ao corpus delimitado – entendido, no quadro teórico da Análise do Discurso (Maingueneau & Charadeau, 2002: 97), enquanto conjunto de discursos que existem numa dada conjuntura – identificamos várias formações discursivas ou posicionamentos numa relação de concorrência, delimitando-se reciprocamente e confrontando-se para deter o máximo de legitimidade enunciativa. Transposta para o plano do discurso, do conflito ideológico (neste caso entre o que, por facilidade, poderá designar-se de “esquerda jornalística portuguesa”, tendencialmente pró-Obama, e a “direita jornalística portuguesa”, tendencialmente posicionada no pólo oposto), a gestão eficaz do dissenso – num eco da própria história da argumentação e da humanidade, em que a palavra substitui as armas, e num quadro epistemológico em que a afirmação do ser social passa inequivocamente pela racionalidade – exige a projecção de um *ethos argumentativo* de homem (no caso, trata-se efectivamente de homens, pois nesta sincronia apenas encontramos três mulheres no espaço público...) que escuta o outro nem que seja apenas para melhor o derrotar discursivamente.

Assim, o encadeamento concessivo é uma estratégia argumentativa que expõe a posição de E1 para melhor a poder fragilizar posteriormente, numa manobra argumentativa que visa a descredibilização, em favor de E2, com cuja posição o Locutor de identifica.

Segundo Breton & Gauthier (2003:15), “A argumentação é um objecto teórico cuja caracterização se fez sempre por referência à racionalidade”. Com efeito, ao fazer ouvir polifonicamente outros discursos, com os quais acabará por não se identificar, o Locutor contribui para a representação de um espaço público plural, habitado por vozes que se contradizem, embora sempre no sentido do esclarecimento proporcionado pelo recurso à razão. No mesmo sentido, de presentificação da pluralidade de vozes existentes no espaço público, vão as ocorrências de *mas* em que é antecedido de enunciados negativos.

ii) *Mas* introdutor de contra-argumento após instância polifónica concretizada pela negação:

(6) Depois, a vitória de Obama é um sinal muito forte dos EUA, nomeadamente para as zonas onde a inépcia, o aventureirismo e o pendor imperial, corporizados em George I W. Bush, acentuaram problemas em vez de os resolver. Não podemos ser ingénuos. Nada de essencial se alterará magicamente por causa desta eleição.

Mas um tempo de abertura e boa vontade, uma janela de oportunidade, se abrirá após 4 de Novembro. Se souberem aproveitar, o mundo poderá voltar a ser um lugar seja mais agradável viver.

(7) Estes republicanos moderados não tiveram grande contribuição, no plano intelectual, para a coligação gerada por Reagan. **Mas** a sua presença exprime um importante ingrediente político daquela coligação: a sua natureza defensiva, ou antiactivista, ou não revolucionária. De certa forma, é esta natureza defensiva que permite manter coligados três sectores tão distintos.

(8) Esta nova “maioria democrata” carece das bases organizacionais da anterior e tem interesses parcialmente contraditórios, especialmente no que respeita ao peso do Estado na economia. **Mas** em face das políticas do Partido Republicano esta coligação temporária foi-se alargando e consolidando.

(9) Se McCain ganhar e for buscar alguns sábios do passado, não se sairá mal – **mas** faltar-lhe-á o golpe de asa do senador de Illinois.

(10) A vitória de Obama não muda o mundo, **mas** muda a correlação de forças.

Em termos de estratégia argumentativa, verificamos que existe uma presentificação do discurso de E1, que assumiria a responsabilidade da afirmação que é negada por E2, ponto de vista com o qual o Locutor se identifica. Ou seja, no discurso de Locutor, coexistem várias vozes que remetem para o contexto discursivo em que os textos surgem, um espaço público em que todas as vozes estão autorizadas e têm acesso garantido.

Historicamente, foi com a emergência do pensamento grego, na *ágora*, que se configurou um novo espaço social, centro de um espaço público comum, que conferia a quem aí entrasse o estatuto de igual e a possibilidade de estabelecer relações de perfeita reciprocidade. Tomando o espaço da opinião pública jornalística como uma actualização desse espaço público ancestral, em que todas as posições entabulam relações de equilíbrio e se fazem ouvir, o funcionamento discursivo da interacção argumentativa e a sua descrição não podem ser desligados da convicção na possibilidade da existência de uma racionalidade na vida social, para a qual contribui necessariamente o conhecimento das estratégias argumentativas adoptadas em cada situação concreta de comunicação.⁵

⁵ No âmbito da sua defesa do racionalismo, Karl Popper postula que a emergência da linguagem argumentativa possibilitou uma evolução cultural e não-violenta – “das ideias, teorias, argumentos. A aceitação da postura argumentativa e crítica renuncia à imposição e abre-se à dialéctica do ‘dar e receber’ de convencer e ser convencido. O racionalismo vê na racionalidade a única alternativa

4.2.2. *Mas* fático ou de segmentação discursiva

Outro valor relevante atestado no corpus é o *mas* que, coincidindo com a marcação de segmentação discursiva/ textual, assinala a apresentação ou a mudança de um ponto de vista: o *mas* fático ou de segmentação discursiva.

i) Mas introdutor de apresentação ponto de vista /de mudança de ponto de vista

Adam (1990) refere-se a este tipo de ocorrência de *mas* apelidando-o de *mas* fático e/ou de demarcação de segmentos textuais. Segundo os “critérios geográficos” definidos por Ducrot (1980), verificamos que ocorre em início de frase – exemplos (11), (12) e (14) – ou em início de parágrafo – exemplos (13) e (15).

A sua importância parece fazer-se sentir concretamente em termos da estruturação discursiva, no domínio da tessitura textual, assinalando tomadas de posição, com que o Locutor se identifica, que desenvolve e fundamenta argumentativamente, deste modo garantindo, através da expansão da dimensão informacional, o avanço do fluxo textual. Os segmentos discursivos introduzidos podem constituir actos de composição textual diversos, nomeadamente de reorientação discursiva – (12), (13) e (15) – ou adição – (14).

Nestas ocorrências, os valores contra-argumentativos parecem subordinar-se a valores de estruturação textual, marcando o *mas* prioritariamente o relançamento do discurso – veja-se em concreto o exemplo (11), em que o enunciado iniciado por *mas* abre para um novo parágrafo –, o que parece tornar os valores semânticos de contraste, apesar de presentes, menos relevantes. Em alguns casos, inclusivamente, a supressão do conector não parece provocar alterações relevantes em termos semânticos – (13), (14) e (15) –, podendo ser substituído pelo conector aditivo *e*.

(11) A outra [forma de responder], que agora proponho, consiste em recuar um ou dois passos em relação ao calor da campanha, ignorar as intenções de voto e olhar, em vez disso, para aqueles factores de longo e médio prazo que sabemos afectarem a maior parte dos eleitores e estabilizarem o seu comportamento muito antes da recta final de uma eleição. Cada um deles merece, em si mesmo, muito mais atenção do que aquilo que uma coluna como esta lhes pode oferecer. **Mas** os traços gerais podem ser resumidos rapidamente.

(12) O que quer dizer que um presidente Obama não pode descontar o risco de se reduzir a uma espécie de Jimmy Carter: uma mera lebre da próxima maioria conservadora.

à violência e por isso procura potenciá-la, promovendo o respeito pela argumentação do outro, atitude que traz consigo “o respeito por todos os homens enquanto potenciais argumentadores.” (Rosas, 1990).

É, pelo menos, o que os conservadores desejam. **Mas** o mais violento dos livros contra Obama, o de David Freddoso (The Case against Barack,Obama), sugere outra possibilidade. O Obama de Freddoso é um político nato, com muito jeito, poucos escrúpulos e ainda menos pruridos ideológicos. A campanha eleitoral, de algum modo confirmou essa dimensão.

(13) Este interesse resulta, antes de mais, da convicção que todos temos de que o resultado das eleições acabará por ter um impacto significativo na nossa própria vida corrente.

Mas também da inequívoca novidade que trouxe a candidatura de Barak Obama. Novidade que resulta sobretudo de, pela primeira na história, um americano de cor poder ser eleito para a Casa Branca. E este aspecto simbólico tem por vezes obscurecido outros aspectos inovadores que a candidatura democrata trouxe para a ribalta da vida pública americana.

(14) Este fenómeno – o silêncio e o cumprimento formal das regras, que escondem intenções publicamente inconfessáveis – leva a suspeitar do resultado da eleição, apesar do avanço claríssimo de Obama. **Mas**, pior do que isso, leva a suspeitar do actual liberalismo do Ocidente. Sob a capa do “politicamente correcto”, a América e a Europa não deixaram talvez nem o seu antigo racismo, nem a sua xenofobia; e continuam a execrar a homossexualidade e a lamentar a relativa “emancipação” das mulheres. Se Obama não ganhar (e espero fervorosamente que ganhe), a “tolerância” em que vivemos vai aparecer como a ilusão do século.

(15) A América mostrou que está cansada de Bush e de tudo o que ele representa, da passagem de um ciclo de crescimento impressionante e de excedentes orçamentais – anos de ouro que, curiosamente, tiveram também a mão de Greenspan – para a fase de guerra interminável, crescente endividamento do país e aparecimento de grandes bolsas de pobreza. A América cansou-se da promiscuidade na gestão dos dinheiros do Estado e do falso puritanismo dos seus dirigentes.

Mas quis também o «destino» que este candidato negro, visto em casa e fora de portas como um símbolo de mudança para um mundo melhor e mais humanizado – com um grau de esperança que é, objectivamente, excessivo –, chegasse ao poder numa altura em que o próprio mundo vive momentos de grande incerteza.

ii) *Mas* fático ou eco (encenado) de interacção discursiva

Este *mas* tende igualmente a ocorrer em início de frase, assinalando não apenas a mudança do rumo discursivo, mas fazendo ecoar no modo escrito algumas marcas da interactividade da conversação, nomeadamente através da presença das interjeições, das frases interrogativas e exclamativas, e ainda a encenação da interpelação inerente à situa-

ção de confronto discursivo, como podemos ver especificamente nos exemplos (16), (17), (18), (19) e (20). Ao encenar a situação de interlocução, o enunciado apresenta também marcas da subjectividade do Locutor, estabelecendo uma dimensão afectiva e criando a ilusão de proximidade ao leitor, que se constrói enquanto sujeito investido, estratégia particularmente eficaz na sugestão de cumplicidades e particularmente adequada ao género persuasivo actuante no espaço público. Vejamos alguns dos exemplos encontrados no *corpus*:

(16) **Mas** afinal a esquerda europeia tem estado errada estes anos todos - sobre o Iraque, Bush e a economia, não era? – portanto nada como esperar pelos senhores muito responsáveis e suas ajuizadas triangulações.

(17) E não foi por ele ser negro, **mas** que sei eu? Perguntem antes a alguém que tenha apoiado a guerra do Iraque, e vibrado com a criatividade do sistema financeiro.

(18) Nós sabemos. E creio que Obama, o “menino magricela com um nome esquisito”, saberá que quase sempre os valores desaguam nos interesses e dissolvem-se neles. **Mas**, que raio!, isto avança por mares. Sigamos esta por agora.

(19) Ler sobre Barack Obama nos jornais é uma coisa. Ouvi-lo discursar em directo é outra muito diferente. E eu jamais esquecerei a sensação de deslumbramento com que o escutei pela primeira vez na madrugada de 4 de Janeiro de 2008. Lembro-me de ter pensado “uau, **mas** quem é este tipo?”, e num arroubo de romantismo político (coisa que nunca pensei existir) ir buscar a minha mulher para partilhar comigo aquele momento.

(20) **Mas** que grande discurso! Um fecho extraordinário para uma campanha desastrosa. Não apenas pela dignidade com que concedeu a derrota, mas pelo modo com que fez o elogio do primeiro Presidente afro-americano da História dos Estados Unidos. E pela coragem de fazê-lo perante uma audiência que apupou o vencedor do dia, quebrando uma regra elementar da decência política.

4.2.3. O conector correlativo *não só/apenas ... mas (também)* – *Mas* de reforço (ou talvez não...)

Com as devidas adaptações, seguimos de perto a descrição feita por Adam para o Francês (1990: 192-194). Assim, e de acordo com os dados analisados, as ocorrências de *mas* em causa assumem a forma da conector correlativo *não só* ou *não [...] apenas* na proposição P, seguidos de *mas (também)* na proposição Q.

Vejamos os exemplos:

(21) Um bom diagnóstico, por si só, não é garantia de uma boa execução. Precisamos não só de políticos que tenham uma boa grelha de leitura da crise **mas** que tenham bons princípios ideológicos. Essa é, apesar de tudo, uma pista para o comportamento que eles terão no futuro.

(22) Obama vai ter de mudar a América e vai ter de a mudar substancialmente. Não só porque é isso que os norte-americanos esperam dele, **mas porque** o resto do mundo espera o mesmo.

(23) E, terceiro, segundo a advogada da direcção, o *e-mail* era discriminatório em função da raça e fazia juízos valorativos (a hostilidade a Obama) não só reprováveis, **mas merecedores** de censura ético-social, porque de toda a evidência ofendiam direitos fundamentais.

(24) É a essa AMÉRICA «excessivamente de direita», e não apenas no modo como olha para a economia **mas também** na forma como encara a cultura, a religião, os direitos sociais, as questões ambientais ou a utilização do poderio militar norte-americano, que Obama surge como alternativa, como símbolo de um outro estilo de governação, mais sensível aos problemas domésticos dos seus cidadãos e também às questões globais do mundo.

(25) Em países onde o voto não é obrigatório, as vitórias não são feitas apenas de preferências eleitorais, **mas também** da capacidade de mobilizar essas preferências para o voto.

Algo que ressalta de imediato nos exemplos acima apresentados é a existência de regularidades sintácticas: verificamos que os constituintes ligados tendem a ser da mesma natureza. Assim, num primeiro momento, e em termos do funcionamento argumentativo desta estrutura, parece possível afirmar que o nexos semântico é fundamentalmente aditivo, ou seja, que estamos perante a junção de mais um elemento informativo a outro que já foi referido, funcionando o segundo como mais um argumento co-orientado para a mesma conclusão. No entanto, em termos de força argumentativa, o encadeamento entre os dois elementos ligados pela locução correlativa aditiva não é de mera equivalência, estabelecendo-se antes uma hierarquia entre o primeiro argumento apresentado, enquanto informação já conhecida – dado adquirido e tomado como tacitamente aceite e eventualmente suficiente para a conclusão –, e o segundo, que apresenta informação nova, traço que confere maior força argumentativa ao segmento introduzidos por *mas*, ao permitir a progressão temática do discurso.

Contudo, a utilização da estrutura correlativa revela uma estratégia argumentativa, torna a polifonia uma opção discursiva (Módolo, 2005: 174): ao limite, o primeiro correlato poderia ser suprimido em todos os exemplos, que a posição de E2 estaria sempre explicitada. Ao evidenciar a relação que estabelece com outro discurso, que torna presente, o Locutor manifesta a reserva que mantém relativamente à direcção argumentativa presente no termo correlato inicial, marcando posteriormente a sua posição, apesar de não explicitar rejeição relativamente à informação anterior. O segundo argumento parece bloquear a conclusão atinente à suficiência da informação anteriormente apresentada, ou seja, contrariamente ao que poderia pensar-se, nem toda a informação relevante para permitir a passagem dos dados à conclusão – o funcionamento da sequência argumentativa básica – teria sido divulgada. Mais: a informação de maior relevância não terá sido expressa. Neste sentido, a correlativa aditiva parece adquirir valor contrastivo no que reporta ao seu uso em contextos argumentativos. Enquanto estrutura polifónica, o primeiro termo da correlação pode ser atribuído a um E1 e o segundo a um E2, com o qual o Locutor se identifica, apresentando-se então não como um argumento co-orientado, mas potencialmente anti-orientado.

4.2.4. *Mas refutativo/ não X, mas SNY*

A presença no *corpus* desta estrutura é pouco relevante, o que não deixa de ser significativo. Nas palavras de Adam (1990: 196), “le MAIS réfutatif articule deux arguments antiorientés et surtout, il introduit un conflit de paroles (...). O movimento refutativo começa pela refutação através da negação da proposição P subjacente a não P, continua pela atribuição de P a um enunciador – que dá voz a um sistema de valores – com o qual o locutor não se identifica, garantindo um efeito dialógico ou polifónico.

A baixa frequência deste valor é um facto coerente com a perspectiva que defendemos. Com efeito, enquanto o *mas* contra-argumentativo emerge da consideração da palavra do outro – o *mas* democrático, de Ducrot – e pretende convencê-lo da validade de outra posição, o *mas* refutativo corrige, não deixando espaço a essa voz. Ao substituí-la através da correcção, ao negar-lhe validade, anula-a neutralizando a prossecução do confronto discursivo. Deste modo, é expectável que seja pouco produtiva nos contextos argumentativos, como se verifica nos exemplos

(26) Foi uma extraordinária corrida que manteve o planeta suspenso. Nas próximas horas, os americanos vão decidir pelo mundo. Não restam dúvidas de que a grande pergunta **não é** qual vai ser o próximo Presidente dos EUA, **mas sim** se Barack Obama vai ser o próximo Presidente dos EUA.

(27) Mas é de facto um enorme prazer, ao fim de 35 anos de vida, pela primeira vez olhar para um político e poder dizer: “Eu realmente acredito neste homem.”

Não por ser imune ao erro, ou sequer concordar com 100% do que ele diz, **mas por ter** todas as condições de carácter para, em cada momento, poder decidir da melhor maneira.

(28) É verdade que Obama **não é** um utópico e experimentalista, graças a Deus, **mas** sensato e moderado. Sabe falar e ouvir; vamos ver se também sabe fazer.

(29) Bartels mostra que a grande responsabilidade por esta variação **não está** sequer **em** políticas fiscais mais ou menos redistributivas, **mas sim** em políticas que promovem o crescimento do emprego.

(30) Mantêm-se os ditadores, os terroristas e os Estados párias que, ao olharem para Obama, esperam, mesmo que injustificadamente, **não** uma ameaça **mas** uma atitude de fraqueza.

4.3. Discussão de resultados

A análise quantitativa do *corpus* seleccionado permitiu verificar um inequívoco domínio das ocorrências do conector *mas*, em detrimento de outros conectores que apresentam o mesmo valor semântico de base, tal como apresentado acima, no Quadro 1.

Os valores semântico-discursivos encontrados no *corpus* foram fundamentalmente os seguintes:

- a) *Mas* enquanto introdutor de contra-argumento, subdividido nas ocorrências em que introduz um contra-argumento após um movimento concessivo ou após instância polifónica concretizada pela negação;
- b) *Mas* fático ou de segmentação discursiva, também subdividido nas ocorrências em que introduz a apresentação / mudança de ponto de vista e aquelas em que assume apenas um valor fático ou surge como um eco (encenado) de interacção discursiva;
- c) *Mas* de reforço (ou talvez não...): estrutura correlativa *não só/apenas ... mas (também)*;
- d) *Mas* refutativo/ *não X, mas SN Y*.

A análise empírica das ocorrências de *mas* permitiu, em termos qualitativos, constatar regularidades no que se refere aos valores semântico-discursivos presentes nos encadeamentos argumentativos assegurados por este conector, quer quando ocorre isoladamente quer quando integrado em locuções como a correlativa aditiva *não só ... mas também*, ou em construções refutativo-rectificativas como *não X, mas SN Y*. O conector *mas* evidenciou alguma multifuncionalidade discursiva, tendo o seu funcionamento

argumentativo atestado valores semântico-discursivos que não exclusivamente o de contraste, valor semântico de base. No processo de adaptação à configuração genérica de que participa o texto de opinião, *mas* assume outros valores semânticos, nomeadamente de carácter textual e interaccional, do mesmo modo que outras estruturas, nomeadamente a locução correlativa aditiva *não só ... mas também*, parecem também sofrer adaptações, adquirindo valor contrastivo.

5. Conclusão

Neste trabalho pretendemos comprovar empiricamente a produtividade de *mas* em textos jornalísticos de opinião. No pressuposto de que este género textual apresenta uma argumentação própria, resgatável ao nível textual, tentámos apresentar essa produtividade como um parâmetro de género.

Relativamente a esta hipótese, a resposta parece ser positiva, pelo menos no que à dimensão quantitativa e à sincronia analisada diz respeito, atendendo à disparidade entre a taxa de ocorrência de *mas* e a de outros conectores com valor contrastivo, nomeadamente *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto* e *só que*.

Em termos de funcionamento argumentativo, *mas* – ocorrendo isolado ou integrado em locuções – parece apresentar uma multifuncionalidade semântico-discursiva empiricamente verificável, ultrapassando o valor semântico básico de contraste, num funcionamento discursivo que parece atestar, e recorremos novamente a Coutinho, a sensibilidade dos conectores ao género textual para que são convocados. Esta conclusão, necessariamente provisória, vai ao encontro da posição defendida por Adam (1990: 210), quando considera problemática uma descrição unificada de *mas*, defendendo “que l’on gagne plus à distinguer ces fonctionnements procéduraux qu’à les assimiler en les réduisant à tout prix.”

O carácter necessariamente provisório destas conclusões implica a análise de *corpora* mais vastos que as confirmem. No entanto, as regularidades detectadas permitem alguma confiança relativamente aos resultados passíveis de serem encontrados num trabalho futuro.

Referências

- Adam, Jean-Michel (1990) *Éléments de linguistique textuelle – théorie et pratique de l’analyse textuelle*. Liège: Mardaga.
- Adam, Jean-Michel (1992) *Les textes: types et prototypes – Récit, description, argumentation, explication et dialogue*. Paris: Nathan-Université.
- Adam, Jean-Michel (2008) *La linguistique textuelle – Introduction à l’analyse textuelle des discours*. Armand Colin: Paris.

- Alcântara, Alex Sander (2007) Os emergentes do idioma. *Língua Portuguesa*, 20 (08/06/2007).
- Breton, Philippe & Gilles Gauthier (2003) *Histórias das Teorias da Argumentação*. Lisboa: Editorial Bizâncio.
- Bronckart, Jean-Paul (1997) *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme sócio-discursif*. Lausanne: Delachaux et Niestlé.
- Charadeau, Patrick (1992) *La grammaire du sens et de l'expression*. Paris : Hachette.
- Charaudeau, Patrick & Dominique Maingueneau (orgs.) (2002) *Dictionnaire d'Analyse du Discours*. Paris: Seuil.
- Costa, Ana Luísa (2009) Advérbios Conectivos. In *Gramática, para que te quero?! O Ensino da Gramática: Sentidos e Possibilidades*. Lisboa: Associação de Professores de Português, pp. 16-27.
- Coutinho, Maria Antónia (2004) “Organizadores textuais – entre língua, discurso e género”. In Oliveira, Fátima & Isabel Margarida Duarte (orgs.) *Da língua e do discurso*. Porto: Campo das Letras, pp. 283-298.
- Ducrot, Oswald (1980) *Les Mots du Discours*. Paris: Les Editions de Minuit.
- Ducrot, Oswald (1984) *Le Dire et le Dit*. Paris: Les Editions de Minuit.
- Fonseca, Joaquim (2001) «Viva a Guiné-Bissau»: a construção do sentido e da força persuasiva do discurso. *Círculo* 6, pp. 15-45.
- Matos, Gabriela & Edite Prada (2004) “Construções contrastivas de focalização: adversativas vs. Concessivas”. In *Actas do XX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 701-713.
- Miranda, Florencia (2004) Cartas de reclamação e respostas institucionais na imprensa: acerca do género e os mecanismos de responsabilização enunciativa. *Calidoscópio*, 2(2), pp. 17-24.
- Miranda, Florencia (2008) Género de texto e tipo de discurso na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo: que relações? *Estudos Linguísticos – Revista do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CNUNL)* 1, pp. 81-100.
- Módelo, Marcelo (2005) A estrutura aditiva ‘não só... mas também’ de uma perspectiva multissistêmica. *Estudos Linguísticos XXXIV*, pp. 171-176.
- Pinto, Rosalice (2006) *Argumentação em géneros persuasivos*. Dissertação de Doutoramento. Universidade Nova de Lisboa.
- Plantin, Christian (2002) Argumentation. In Charaudeau, Patrick & Dominique Maingueneau (orgs.) *Dictionnaire d'Analyse du Discours*. Paris: Seuil.
- Rosas, João Manuel Cardoso (1990) *Uma reconstrução da filosofia política de Karl Popper*. Porto: Edição do Autor.